

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**A função social e o papel da educação nos museus**

**Isadora Mellado**

**São Paulo  
2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

## **A função social e o papel da educação nos museus**

**Isadora Mellado**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Cláudia Vendramini Reis.

São Paulo  
2019

# A função social e o papel da educação nos museus<sup>1</sup>

Mellado, Isadora<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a função social e o papel da educação nos museus e instituições culturais atuantes nas artes visuais, entre os séculos XX e XXI. A partir da pesquisa sobre a *Mesa-Redonda de Santiago do Chile*, realizada em 1972, com o objetivo de rediscutir as instituições museológicas na América Latina, e sobre as teorias de brasileiros como Paulo Freire na educação e Ana Mae Barbosa, no campo do ensino da arte, apresenta-se uma análise sobre a função social e o papel da educação nos museus e nas instituições culturais na contemporaneidade. Aborda-se ainda as relações com seus públicos e sua distribuição espacial, especificamente no caso da cidade de São Paulo (SP).

Palavras-chave: Museus; Educação; Educação em Museus; Direito ao acesso aos Museus; Mesa-Redonda de Santiago.

## ABSTRACT

This article addresses the social function of education in visual art museums and cultural institutions, between the 20th and 21st centuries. Through the research of the 1972 Santiago Symposium, held in Chile, in order to better understand museological institutions in Latin America, the conceptual contributions of Paulo Freire in the field of education and Ana Mae Barbosa, in art education, it presents an analysis on the social role of education in museums and cultural institutions in contemporaneity. The relation this institutions establish with their audiences and their spatial settings, specifically regarding the city of São Paulo, are also adressed.

Keywords: Museums; Education; Museum Education; Right to access to Museums; Santiago Symposium.

## RESUMEM

Este artículo presenta reflexiones sobre la función social y el papel de la educación en los museos e instituciones culturales actuantes en las artes visuales, entre los siglos XX y XXI. Después de la investigación sobre la Mesa-Redonda de Santiago de Chile, celebrada en 1972,

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Atua profissionalmente com produção, pesquisa e mediação de projetos culturais em instituições como Pinacoteca do Estado de São Paulo, no PISC, Projeto de Inclusão Sociocultural, entre 2013 e 2016 e, atualmente, como produtora da Equipe de Projetos do Núcleo de Cultura e Participação no Instituto Tomie Ohtake, desde 2017.

con el objetivo de volver a visitar las instituciones museológicas en América Latina, y sobre las teorías de brasileños como, Paulo Freire en la educación y Ana Mae Barbosa, en el campo de la enseñanza del arte, se presenta un análisis sobre la función social y el papel de la educación en los museos y en las instituciones culturales en la contemporaneidad. También están abordadas las relaciones con sus públicos y su distribución espacial, específicamente en el caso de la ciudad de São Paulo, (SP).

Palabras clave: Museos; La educación; Educación en museos; Derecho al acceso a los Museos; Mesa redonda de Santiago.

## 1. INTRODUÇÃO

Os últimos cinquenta anos marcaram um período de profunda readequação dos museus no que tange às reflexões acerca de sua função, suas práticas e sua relação com os eventos sociais e políticos que os cercam. O objetivo deste artigo é compreender a *Mesa-Redonda de Santiago do Chile*, que ocorreu em 1972, suas consequências para a educação e o acesso em museus e exposições de arte na cidade de São Paulo na contemporaneidade. Para isso, o artigo foi dividido em três capítulos: *O Museu e sua função social*; *A importância de Paulo Freire para o desenvolvimento de práticas educativas em museus* e *o Acesso aos museus*.

No primeiro capítulo, será desenvolvida uma análise sobre o museu, sua função social e sua reconfiguração a partir da *Mesa-Redonda de Santiago do Chile*, que ocorreu no Chile entre os dias 20 e 31 de maio de 1972, organizada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) a pedido da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com o desafio de pensar o museu na América Latina. Abordaremos brevemente seu contexto histórico, o documento redigido após o encontro e as reflexões de pesquisadores da área de museus e de educação em museus.

No segundo capítulo, analisaremos a relevância do educador, pesquisador e filósofo Paulo Freire para a Mesa-Redonda, bem como sua influência no projeto de museu que passou a ser definido desde então, com a relevância desempenhada pelo caráter educativo e conscientizador da instituição, partindo das pesquisas das museólogas Vânia Alves, Maria Amélia Reis e Judite Primo. Em um segundo momento, nos debruçaremos sobre as definições das práticas de mediação e nas dificuldades encontradas pelos setores educativos e pelos educadores nas décadas que sucederam a readequação da função social do museu. Para essa reflexão, utilizamos pesquisas realizadas pela pioneira no ensino de arte em museu, Ana Mae Barbosa, pelas museólogas e coordenadoras de educativos de museus de arte, Gabriela Aidar, Milene Chiovatto e Valéria Alencar.

Partindo das definições propostas pela Mesa de Santiago, o museu deveria atuar como um instrumento provocador de mudanças, atuando em diálogo direto com a comunidade em que está inserido. Para que isso ocorra, seu acesso deveria ser o mais irrestrito possível. Portanto, para observar como se dá esse acesso na atualidade, analisaremos a distribuição espacial dos museus na cidade de São Paulo como categoria de análise a partir da pesquisa realizada pela doutora em pesquisa socioeconômica na área de Cultura, Isaura Botelho e a *Pesquisa Cultura nas Capitais*, realizada pela JLeiva Comunicação em parceria com o Datafolha.

Partindo das reflexões sobre a função social e o papel da educação nos museus atuantes nas artes visuais na cidade de São Paulo, podemos considerar que os desafios permanecem tanto na valorização das ações educativas e dos profissionais que atuam nesses espaços, quanto ao acesso dos públicos com menor escolaridade e renda.

## 2. MUSEU E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Nas últimas décadas do século passado, os museus tornaram-se foco de uma readequação social, a partir de um grande número de estudos produzidos acerca de sua função social. De acordo com a versão aprovada na Conferência Geral do ICOM<sup>3</sup> em Viena no ano de 2007:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e de seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2015).

No Brasil, os museus tinham, inicialmente como preocupação principal, a preservação do patrimônio. Constituíam-se, assim, como centros de pesquisas destinados a uma camada muito restrita da população, com maior poder aquisitivo e com forte ênfase na construção de um discurso civilizatório e de uma narrativa nacional (SANTOS, 2004, p.54).

---

<sup>3</sup> O Conselho Internacional de Museus (ICOM), fundado em 1946, é uma organização mundial de museus e profissionais que atuam em museus, e tem como compromisso proteger o patrimônio natural e cultural, o presente e o futuro, o tangível e o intangível. O desenvolvimento de normas profissionais é um dos seus principais objetivos particularmente no que concerne ao avanço, ao compartilhamento e à comunicação de conhecimento para ampla comunidade museal do mundo, e para aqueles que desenvolvem políticas em relação ao trabalho em museus.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM<sup>4</sup>), define museu de acordo com a Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

Art. 2º São princípios fundamentais dos museus:

- I – a valorização da dignidade humana;
- II – a promoção da cidadania;
- III – o cumprimento da função social;
- IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;
- V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;
- VI – o intercâmbio institucional. (BRASIL, 2009)

Percorrendo a história dos museus, no contexto ocidental, percebemos que os museus e instituições culturais com atuação no campo das artes visuais, sofreram inúmeras transformações ao longo do tempo em relação às suas funções, sua materialidade e os principais elementos que sustentam seu trabalho. Percebe-se também que a história dos museus, de suas coleções, bem como dos conteúdos que são pesquisados, produzidos e difundidos por meio de exposições, por exemplo, contribui para as reflexões sobre suas funções. Do ponto de vista de que os museus operam com objetos tangíveis e intangíveis de suas coleções, adotamos do filósofo polonês, Krzysztof Pomian, a definição de coleção como:

---

<sup>4</sup> Em 1937, o governo nacionalista do Estado Novo institucionaliza a política educacional e cultural e a preservação do patrimônio através do Ministério da Educação e Saúde. Em 13 de janeiro, é criado o Serviço de Patrimônio Histórico Nacional, com objetivo de promover de modo premente “o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional” (Lei 378/1937, art. 46). Em 1953, as atribuições desta pasta eram de autoridade do recém-criado MEC, Ministério na Educação e Cultura. Apenas em 15 de março de 1985, o MinC, Ministério da Cultura, foi instaurado pelo decreto nº 91.144 do Presidente José Sarney, no governo do Presidente Fernando Collor. Em 12 de abril de 1990, o Ministério da Cultura foi transformado em Secretária da Cultura, sendo revertido novamente a Ministério, em 1992, no governo do presidente Itamar Franco. No governo Lula (2003-2010), a política cultural foi integrada à agenda social e considerada um meio de ampliação da cidadania e inclusão social. Neste período, é criado no âmbito do Iphan, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Departamento de Museus e Centros Culturais - DEMU, sucedido pelo IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus, em 2009, com a assinatura da Lei nº 11.906. A nova autarquia sucedeu o Iphan nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais. Em 2016, após a posse do Presidente Interino Michel Temer, o MinC foi extinto brevemente e reintegrado ao Ministério da Educação, após intensas mobilizações essa decisão foi revista. Em janeiro de 2019, o Ministério da Cultura foi extinto pelo presidente Jair Bolsonaro, suas atribuições ocupam a pasta Secretaria Especial da Cultura, integrado ao atual Ministério da Cidadania.

[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (1984, p.53).

Outro fator fundamental a ser ponderado é o fator humano, essencial para se compreender seu funcionamento, tanto no que concerne às pesquisas, ações de preservação e de difusão de suas coleções, quanto às equipes de diversas outras áreas que atuam nos museus e nas instituições culturais, quanto seus públicos, aos quais as ações museológicas estão intrinsecamente associadas.

No que tange às funções museais, o ICOM baseia-se no modelo elaborado no final dos anos 1980 pela *Reinwart Academie* de Amsterdam, que distingue três funções:

*A preservação* (que compreende a aquisição, a conservação e a gestão de coleções), a *pesquisa* e a *comunicação*. A comunicação compreende a educação e a exposição, duas funções que são as mais visíveis do museu. Neste sentido, parece-nos que a função educativa cresceu suficientemente nas últimas décadas para que o termo *mediação* lhe seja acrescentado (ICOM, 2014, p.23).

No âmbito ocidental, os museus, a partir dos anos 1980, têm sido marcados por uma mudança de paradigma que busca transformar e redefinir uma instituição considerada elitista e distinta. Passam a propor novas formas de configuração, com o intuito de se abrir para a sociedade e para o serviço dos públicos (ICOM, 2014, p. 23). A *Mesa-Redonda de Santiago do Chile* se debruçou sobre o papel do museu na América Latina, a pedido da UNESCO, em 1972. O documento redigido a partir desse encontro considera que os museus podem e devem atuar de forma decisiva na educação das comunidades às quais estão inseridos, levando em consideração o contexto latino-americano e os problemas enfrentados tanto no meio rural quanto no meio urbano, da educação e do desenvolvimento técnico e científico.

O encontro contou com a participação de profissionais e pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento e países da América Latina, e estruturou-se em quatro tópicos para a conversa em torno da renovação da museologia latino-americana:

1. Museu e Sociedade – pautava-se nas questões de ordem econômica dos países de terceiro mundo, assim denominados nos anos 1970, e considerava a agricultura como base da economia da América Latina; 2. Urbanismo – analisava o crescimento desordenado da população nesta parte da América e tomava como foco o crescimento da população; 3. Ciência e Tecnologia – o tópico denunciava, no continente, o distanciamento do setor, mantendo-se longe das transformações necessárias para enfrentar o novo contexto mundial, e enfatizava a mudança de atitude para se adaptar ao mundo contemporâneo; 4. Educação – o tópico abordava suas ações na perspectiva da educação para todos e de caráter permanente (fora do período formal escolar) (MUSEUM, 1973, apud VALENTE, 2009, p. 75 apud ALVES; REIS, 2013 p.117).

Países marcados historicamente pelas violentas e exploradoras colonizações, tinham como pano de fundo uma conjuntura de oposição de setores da sociedade aos governos ditatoriais militares instaurados entre os anos 1960 e 1970, no cenário latino-americano com o apoio norte-americano, atuando como resposta às tentativas de instituir reformas democráticas. O apoio norte-americano promoveu um relativo crescimento econômico e industrial, o que impulsionou uma maior urbanização nesses países.

A efervescência cultural que tomou conta do contexto ocidental dos anos 1960 aos anos 1980, teve influência direta nas novas configurações das funções sociais dos museus. O período foi deflagrador de uma série de reivindicações sociais, políticas e culturais que indicou a necessidade da criação de uma nova concepção, voltada fundamentalmente para os direitos humanos, como das lutas feministas, dos movimentos estudantis e do movimento negro nos EUA, a defesa pelo direito das minorias de um modo geral e as questões relacionadas ao meio ambiente. A descolonização na Ásia e na África, a instauração das ditaduras militares na América Latina e a expansão do comunismo pelo mundo com a Guerra Fria fomentaram, por um lado, a violência e a repressão, mas também a contestação e a rebeldia. As manifestações desenvolvidas nesse período foram fundamentais para reforçar o caráter de permanente transformação da sociedade, visando atender as necessidades e aspirações da sociedade (ALVES; REIS, 2013, p.114).

Nesse contexto, o documento redigido na *Mesa-Redonda de Santiago do Chile* leva em consideração esse panorama histórico e assume que o museu deve passar por uma mutação, considerando-se que a humanidade passa por uma profunda crise, pois as técnicas desenvolvidas permitiram à civilização realizar grandes progressos no campo material. No entanto, esses progressos não tiveram equivalência no âmbito cultural.

O documento também aponta que essa situação gerou um desequilíbrio entre os países que atingiram um grande nível de desenvolvimento material e aqueles que se situaram à margem dessa expansão, pois foram abandonados historicamente, o que resultou uma série de injustiças. Os participantes da Mesa assumem que, enquanto essas injustiças não forem sanadas, não é possível corrigi-las. Para isso, eles acreditam que todos os setores da sociedade devem ser mobilizados.

No que tange ao museu, os estudiosos apontam que é uma instituição a serviço da sociedade que possui elementos para contribuir com o engajamento das comunidades que têm a potência de situar suas atividades em um quadro histórico, que permita dialogar com os problemas encontrados nas sociedades às quais estão inseridos, engajando-se nas mudanças da



estrutura e contribuindo para as modificações de suas respectivas realidades nacionais. A partir desse documento, o ICOM, em mais uma atualização de seu conceito de museu, na Conferência Geral de Copenhague, em 1974, incluiu a ideia de instituição “a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (ICOM, 1974, p.1).

A noção de Museu como instrumento de desenvolvimento, desconhecida antes de 1972, é agora largamente formulada e admitida. O mesmo ocorre com a noção de função social do museu. E também com a de responsabilidade política do museólogo (VARINE, 1995, p.42).

Huges de Varine participou ativamente das tentativas de mudanças no campo do museu e do patrimônio, considerado uma das principais referências internacionais na área de museologia. Atuou durante doze anos no secretariado do ICOM e, nos anos 1962 a 1974, dirigiu o Conselho Internacional de Museus, período em que ocorreu a Mesa-Redonda, e aponta para a importância dada a partir desse momento à responsabilidade política do museólogo. O documento produzido na Mesa-Redonda alerta que a mudança das atividades dos museus exige uma mudança progressiva da mentalidade dos responsáveis pelo museu e das estruturas das quais eles dependem, assim como a necessidade da atuação de profissionais das ciências sociais.

No Brasil, a professora, museóloga e membra do ICOFOM<sup>5</sup>, a partir dos anos 1980, Waldisa Rússio Guarnieri, foi pioneira no desenvolvimento do pensamento teórico da Museologia, de sua consolidação como campo disciplinar e na regulamentação da profissão no país. A partir de sua dissertação de mestrado intitulada *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento* (1977), Rússio compreende que a museologia não é um campo de estudos dos objetos e das instituições, mas um campo de estudos da sociedade (GOMES, 2015, p.22).

Vinte anos após a *Mesa-Redonda de Santiago do Chile*, entre os dias 16 de janeiro e 6 de fevereiro de 1992, na Venezuela, ocorreu o Seminário *A missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios*, dando origem à *Declaração de Carracas*, na qual afirma-se que o documento produzido há duas décadas foi o fundamento para este novo enfoque, ao mesmo tempo que constata vigência de seus postulados.

Nessa perspectiva, o museu foi deslocado da sua função de construção de memória para o atendimento das demandas locais e das necessidades de incentivo ao pertencimento e cidadania. O museu, então, passou a ser concebido como um instrumento provocador de mudanças de desenvolvimento social, mudando a perspectiva da sua organização e das

---

<sup>5</sup> Comitê Internacional para Museologia, atua como um Fórum Internacional para o debate museológico.

atividades desenvolvidas que deixaram de ser voltadas apenas para suas coleções, direcionando suas ações para os problemas e demandas da sociedade por meio de suas ações educativas, exposições e publicações (AIDAR, 2002, p.53).

Como produto do seu contexto histórico e cultural, os museus passaram por uma série de mudanças no que tange suas funções. Nesse novo paradigma, as ações culturais e educativas tiveram forte influência nesse contexto de contestação; foram diretamente influenciadas e passaram a ser consideradas como uma ferramenta essencial para a instituição na construção de um diálogo com a comunidade.

### **3. A IMPORTÂNCIA DE PAULO FREIRE PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MUSEUS**

O educador, pedagogo e filósofo Paulo Freire nasceu em Recife, em 1921, e faleceu em São Paulo, em 1997. Uma das principais referências da educação brasileira e um dos três autores mais citados em trabalhos acadêmicos no mundo<sup>6</sup>, teve forte influência na museologia a partir de 1970, mesmo não tendo dedicado seus estudos especificamente a museus e patrimônios. Seus pensamentos sobre a conscientização da transformação do homem-objeto em o homem-sujeito<sup>7</sup>, tiveram forte impacto nas formulações definidas pela *Mesa-Redonda de Santiago*, no entanto sua relação com a museologia ainda é pouco investigada (ALVES; REIS, 2013, p.122).

No livro *A Pedagogia do Oprimido* de 1970, o educador aborda o diálogo como essência da educação, como prática de liberdade. A educação, para ele, está ligada a situar o sujeito enquanto sujeito histórico para que ele se conscientize da realidade em que vive, assim desenvolvendo o pensamento crítico, permitindo que o sujeito reflita, aja e transforme sua realidade. Nesse panorama, o educador e o educando aprendem juntos, de forma horizontal, pois o educando não é uma tábula rasa e possui uma série de saberes e conhecimentos fundamentais para a educação dialógica. Assim, a educação assumiria um caráter político.

O museólogo Huges Varine, que participou ativamente das tentativas de mudanças no campo do museu e do patrimônio e organizador da Mesa-Redonda, conheceu e conviveu com

---

<sup>6</sup> Levantamento feito através do *Google Scholar*, ferramenta de pesquisa para área acadêmica, por Elliot Green, professor associado da *London School of Economics* em 2016.

<sup>7</sup> Para Paulo Freire, o que diferencia o homem dos animais é sua potencialidade de transcendência do homem-objeto para o homem-sujeito. Essa transformação se dá a partir da reflexão do sujeito sobre sua condição de existência. A educação libertadora para ele seria o meio para o pensamento e a crítica como pressuposto de sua existência.

Paulo Freire em Genebra por três anos, momento em que entrou em contato com suas obras, nascendo o desejo de adaptar o método freireano à prática museológica:

Eu estava naquele momento, criando na França uma ONG internacional denominada Instituto Ecumenico para o Desenvolvimento dos Povos (*Institut Oecumenique pour le Développement des Peuples* - Inodep), cuja presidência seria confiada a Paulo Freire, então consultor para educação do Conselho Ecumênico das igrejas, em Genebra. Por que não lhe entregar a direção da Mesa-Redonda que deveria se realizar em Santiago então sob o regime da Unidade Popular, que Paulo Freire conhecia tão bem? Ele aceitou imediatamente a sugestão de transpor suas ideias de educador em linguagem museológica: eu posso mesmo dizer que isso lhe agradou. Infelizmente, o delegado brasileiro junto à Unesco se opôs formalmente à designação de Paulo Freire, evidentemente, por razões puramente políticas (VARINE, 1995, p.9).

O museólogo realizou o convite ao pensador para presidir a Mesa-Redonda, em que tinha como escopo a discussão do papel do museu na América Latina. Paulo Freire aceitou o convite, no entanto sua presença foi impedida pelo delegado brasileiro da UNESCO, não o permitindo mostrar como seria possível aplicar sua metodologia à museologia<sup>8</sup>.

Os documentos publicados sobre o evento, em 1973, não fazem referência às ideias ou citam o nome de Paulo Freire. Entretanto, como apontam as museólogas Vânia Alves e Maria Amélia Reis (2013), Varine em diversos depoimentos expõe a influência de Paulo Freire na formulação de suas concepções em seu discurso na abertura da Mesa-Redonda e enfatiza o caráter libertador que a educação deve seguir, na qual o educando não deve ser objeto do ensino e sim sujeito da construção de novos valores para o homem.

Paulo Freire é o maior pedagogo político de nossa época, porque ele colocou em prática suas ideias, antes de exprimi-las. Os outros pedagogos, mais teóricos do que práticos, procuram, sobretudo, melhorar a eficácia da educação, seu rendimento, talvez a sua democratização, num espírito generoso. Paulo Freire propõe inverter o processo educativo. Considera antes que o objecto da educação, o educando, tem também alguma coisa importante a oferecer, da qual o educador e todos nós temos necessidade. No domínio da cultura, é importante inverter igualmente a relação da oferta e da procura. Todo cidadão, toda comunidade oferece alguma coisa em troca do que o agente cultural pode lhe oferecer. Não deveria então ser mais possível fazer uma política cultural, conceber uma estratégia, utilizar métodos como se fazia antes de Paulo Freire (VARINE, apud CHAGAS, 1996, p. 8 apud ALVES; REIS, 2013, p.127).

O evento foi a primeira reunião interdisciplinar preocupada com a interdisciplinaridade no conceito museológico, marcado pelo empenho em estabelecer uma relação entre o museu e o mundo contemporâneo, tecendo possíveis comparações com a obra do educador Paulo Freire.

---

<sup>8</sup> Durante o regime militar brasileiro (1964-1985), o educador foi preso por setenta dias e exilado por dezesseis anos, considerado perigoso, subversivo e inimigo de Deus.

Para Varine, o museu deve possibilitar aos públicos, análises profundas, assumindo as funções de uma instituição didática e conscientizadora (ALVES; REIS, 2013, p.128).

O que existe de mais inovador, a meu ver, fora do contexto da época, são sobretudo duas noções, que aparecem melhor, mas às vezes mal colocadas, nas “considerações” das resoluções, e não nelas mesmas:

- Aquela de museu integral, isto é, levando-se em consideração a totalidade dos problemas da sociedade.

- Aquela do museu enquanto ação, isto é, enquanto instrumento dinâmico de mudança social. Esquecia-se assim, aquilo que havia se constituído, durante mais de dois séculos, na mais clara vocação do museu: a missão de coleta e da conservação. Chegou-se em oposição, a um conceito de patrimônio global a ser gerenciado no interesse do homem e de todos os homens (VARINE-BOHAN, 1995, p. 18 apud ALVES; REIS, 2013, p.125).

Apesar do impedimento da presença do educador brasileiro Paulo Freire na Mesa de Santiago, para se compreender esse momento histórico, consideramos necessário analisar a seleção dos convidados, a escolha dos temas, bem como seu convite para presidir a mesa. Mesmo não estando presente, os conceitos educacionais defendidos e adotados por Paulo Freire estiveram presentes nas proposições de Santiago.

Entretanto, ressalto que, apesar da sua ausência, os temas mais marcantes da sua obra – a conscientização e a mudança, que levam o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, comprometido com um projeto de sociedade diferente – estiveram e ainda estão presentes, ou melhor, são o cerne das proposições de Santiago (SANTOS, 2008, p. 83 apud ALVES; REIS).

A importância do papel do educador e dos profissionais em se engajarem, social e politicamente, é considerada fundamental após a Mesa-Redonda. A pesquisadora e professora da área de museologia, Judite Primo (1999, p.19), afirma que neste momento começa a ser cobrado um posicionamento político e ideológico dos trabalhadores de museus, pois trabalhando em uma instituição cultural, que tem como objetivo o desenvolvimento social, ele passa a ser um ser político.

O documento redigido após a Mesa-Redonda define que:

- a. Um serviço educativo deverá ser organizado nos museus que ainda não o possuem, a fim de que eles possam cumprir sua função de ensino; cada um desses serviços será dotado de instalações adequadas e de meios que lhe permitam agir dentro e fora do museu;
- b. Deverão ser integrados à política nacional de ensino, os serviços que os museus deverão garantir regularmente;
- c. Deverão ser difundidos nas escolas e no meio rural, através dos meios audiovisuais, os conhecimentos mais importantes;
- d. Deverá ser utilizado na educação, graças a um sistema de descentralização, o material que o museu possuir em muitos exemplares;

- e. As escolas serão incentivadas a formar coleções e a montar exposições com objetos do patrimônio cultural local;
- f. Deverão ser estabelecidos programas de formação para professores dos diferentes níveis de ensino (primário, secundário, técnico e universitário) (Declaração de Santiago, 1972).

Como consequência desse novo panorama, as ações educativas se intensificam nos museus dos países americanos a partir da década de 1970, período marcado pelas novas correntes pedagógicas na área da educação, como aponta a museóloga Judite Primo (1999, p.19). A educação em museus, antes marcada pela preocupação apenas com a formação de monitores, agendamento de visitas e elaboração de materiais didáticos, passa a adotar um olhar mais atento para a adequação dos novos processos pedagógicos nas ações educativas e culturais no âmbito museológico.

É a partir da Declaração de Santiago que a comunidade museológica, já não pode ignorar que o museu começa a ter um papel decisivo na educação da comunidade e a ser agente de desenvolvimento. Por entender que a maior potencialidade dos museus é a sua ação educativa e a educação verdadeira é aquela que serve à libertação, questionamento e reflexão, é que as novas correntes da museologia, após esta Declaração, se aportou do método pedagógico defendido por Paulo Freire, que entende a educação como prática da liberdade e constrói a teoria da Educação Dialógica e Problematizadora na qual a relação educador-educando é horizontal, ou seja: acredita-se que a partir do diálogo e da reflexão, os homens se educam em comunhão (PRIMO, 1999, p.20).

A partir do século XIX, com influência do Iluminismo, a história dos museus no mundo ocidental esteve ligada à ideia de educação e civilização do povo. Entretanto, segundo Manuelina Cândido (2014), pós-doutoranda em museologia na *Université Sorbonne Nouvelle*, gestora do Museu da Imagem e do Som do Ceará e ex-coordenadora da ação educativa do Centro Cultural São Paulo, foi a partir de Santiago que surgiu a preocupação em definir contornos que fossem de fato as ações museais. Pois, sem isso, a ação dos museus poderia confundir-se com atuações de outras instituições e áreas do conhecimento. A educação e a conscientização são os parâmetros para o papel social dos museus, como apontam as museólogas brasileiras Maria Célia Santos e Cristina Bruno. Para elas, o museu tem como componentes o perfil preservacionista, científico e educativo, sendo assim, a função social se realizaria na intersecção da ciência e da educação, propiciando a compreensão sobre o patrimônio e o exercício da cidadania.

(...) o simples ato de preservar, isolado, descontextualizado, sem objetivo de uso, significa um ato de indiferença, um “peso morto”, no sentido de ausência de compromisso. Entendemos o ato de preservar como instrumento de cidadania, com

um ato político e, assim sendo, um ato transformador, proporcionando a apropriação plena do bem pelo sujeito, na exploração de todo seu potencial, na integração entre bem e sujeito, num processo de continuidade (SANTOS, 1993. p.52. apud Cândido 2014, p.22).

Dessa forma, após a Mesa-Redonda de Santiago, os pesquisadores, estudiosos e profissionais de museus passaram a conceber e desenvolver ações educativas que façam sentido no contexto das instituições museológicas. Assim, o ato de adquirir, conservar e estudar patrimônios materiais e imateriais deixam de fazer sentido por si só, sem o diálogo e a comunicação com a sociedade.

A prática adotada pelos educadores no âmbito da educação museal é conceituada como mediação, designada pelo ICOM (2014) como a ação de colocar de acordo ou reconciliar o público de museu com o que é exposto, em uma construção conjunta de conhecimento.

A mediação procura favorecer o compartilhamento de experiências vividas entre o público e as exposições na sociabilidade da visita, buscando referências comuns. Utilizam-se de estratégias de comunicação com caráter educativo, que mobilizam técnicas em torno das exposições “para fornecer aos visitantes os meios de melhor compreender certas dimensões das coleções e de compartilhar as apropriações feitas” (ICOM, 2014, 53).

Na museologia, o termo “mediação”, depois de mais de um século, veio a ser utilizado com frequência principalmente na França e nos países francófonos da Europa, onde se fala em “mediação cultural”, “mediação científica” e “mediador”. (...) No Brasil e em Portugal, o termo “mediação” também passou a aparecer com mais frequência nos últimos anos no contexto dos museus, principalmente com ênfase dada atualmente à figura do “mediador”, responsável por desenvolver atividades educativas diretamente com o público de alguns museus e por transmitir a proposta pedagógica dessas instituições (ICOM, 2014, p.53).

Em uma exposição de arte, muitos são os mediadores possíveis: a expografia da exposição, os textos produzidos para situar o público sobre aquilo que é exposto, a curadoria que seleciona obras a partir do conceito que quer explorar, “mas certamente o educador é o principal deles, cabendo-lhe mediações pedagógicas profissionais competentes frente à cultura” (MARTINS, 1999, p. 112).

Segundo Ana Mae Barbosa, pioneira nas pesquisas no ensino de arte em museus (1989), tanto os curadores como os mediadores possuem o mesmo objetivo: alcançar a melhor solução estética para as exposições, tornando-as o máximo possível acessíveis para o público. Sendo assim, a qualidade estética e a acessibilidade seriam os princípios direcionadores tanto dos arte-educadores, como dos curadores. No entanto, na década de 1980, Ana Mae Barbosa, em suas pesquisas, apontava que, na prática, na maioria dos museus, os mediadores atuavam como um

apêndice dos curadores que os dirigem, dizendo como devem fazer e como deve ser experienciada a exposição. Em 1989, Ana Mae já alertava para a importância de inter-relacionar o trabalho do curador com o trabalho do educador e do pesquisador, sem a proposição de um modelo definido. A pesquisadora parte da premissa de que ambos têm a responsabilidade de facilitar a comunicação e a apreciação do público, participando organicamente na elaboração do discurso da exposição.

Vinte e três anos depois, Varine aponta que, apesar das resoluções adotadas na Mesa-Redonda de Santiago serem extremamente importantes e inovadoras, na prática:

Nos grandes museus da América Latina não mudou muita coisa. As coleções nacionais e suas instituições imitam, mais ou menos, os estilos museológicos em vigor no mundo industrializado. Os imperativos turísticos, os gostos das oligarquias do poder e do dinheiro ainda são a norma. A maioria dos participantes de Santiago não pôde implementar as resoluções adotadas. Além disso, os sobreviventes, como eu, estão 23 anos mais velhos... (VARINE, 1995).

Milene Chiovatto e Gabriela Aidar, coordenadoras do educativo da *Pinacoteca do Estado de São Paulo* (2015, p.146), entendem que a função educativa deveria ser desenvolvida pelo museu como um todo, não estando circunscrita a um determinado setor. Para elas, o museu deveria ser pensado como educativo por natureza, e não apenas manter uma área dedicada à educação para divulgação de conhecimentos alheios à comunidade na qual se inserem. Santos (2008, p. 141) afirma que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas. Sem essa prática, as técnicas por si só se esgotariam, bem como as práticas educativas desenvolvidas posteriormente, pois não teriam contribuição da instituição, se configurando em um grande depósito de objetos.

No Brasil, os artistas e educadores são mais atentos que os museólogos para a necessidade de aprofundar a relação do público com o museu e de alcançar um público mais diversificado, alcançando todas as classes sociais (BARBOSA. 1989, p. 131). Gabriela Aidar (2002 p.26) reforça essa perspectiva; segundo a autora, são nas áreas educacionais dos museus onde a maior parte das experimentações no campo da inclusão sociocultural são realizadas, sendo na maioria das vezes os únicos setores aos quais cabe a resposta às demandas sociais pautada aos museus.

Em uma pesquisa realizada em 2008, Valeria Alencar, pesquisadora de educação e arte, atuou como educadora e hoje coordena educativos de arte, entrevistou 302 mediadores para compreender o perfil e as concepções sobre a profissão dos educadores de exposição de arte de São Paulo. Nessa pesquisa, identificou-se que a idade média dos educadores em museus é de

28,5 anos, fator que, segundo ela, reflete a instabilidade da profissão, sendo que muitas vezes de caráter temporário ou sob contrato de estágio.

Dos entrevistados, 60% relataram realizar atividades profissionais paralelas, sugerindo que a renda obtida com o trabalho de educador de museu não seria suficiente. 74% dos entrevistados são autônomos temporários e prestadores de serviço, 14% possuem contrato de estágio e apenas 5% dos educadores são contratados sob regime CLT. Revelando a precarização do trabalho dos educadores em instituições de arte da cidade de São Paulo, segundo o sociólogo Ricardo Antunes (2013), os trabalhadores precarizados “são os terceirizados, subcontratados, *part-time*, entre tantas outras formas assemelhadas, que se expandem em escala global” (apud MIQUÉIAS, 2016 p.104).

Essa situação é contrastante com a importância dada à educação continuada para o desenvolvimento do trabalho pelos entrevistados. 41% dos entrevistados possuem pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado), evidenciando a necessidade de mesclar teoria e prática e a complexidade do trabalho, apesar da transitoriedade, da dificuldade e dos baixos salários, 41% dos entrevistados manifestaram o desejo de continuar trabalhando com educação.

No entanto, quando perguntados sobre o futuro profissional que vislumbram nessa área, 22% dos entrevistados manifestam o desejo de serem reconhecidos como profissionais, ou ver o trabalho como uma profissão reconhecida<sup>9</sup>. 26% afirmam o desejo de continuar trabalhando como mediadores, no entanto, como afirma a pesquisadora, a precariedade das condições de trabalho é um tema recorrente nas respostas “...gostaria de exercer essa atividade que tanto amo com mais dignidade. Sinto falta de condições melhores de trabalho que me permitam continuar na área” (ALENCAR, 2008, p.85). Muitos disseram estarem “desenganados” com a profissão “creio que a maioria das instituições encara o “educativo” como algo “decorativo” e não como algo realmente importante no processo mediador entre as obras e os visitantes” (ALENCAR, 2008, p.85).

A questão salarial também é um fator determinante ao se pensar o futuro profissional nesta área. “Estou certo de que é um caminho que gostaria de seguir, no entanto o lado financeiro não permite”, sobre as poucas expectativas em continuar trabalhando com mediação, a educadora justifica “...infelizmente o trabalho é mal remunerado, apesar de sua importância” outro fator apontado é a descrença em construir uma carreira sólida “vejo como um problema a falta de remuneração adequada, o profissional desta área não tem expectativa de crescer em

---

<sup>9</sup> A profissão de mediação em museus, não é uma profissão regulamentada. Em 2017, a Câmara dos Deputados regulamentou a profissão de educador social de autoria do deputado Chico Lopes (PCdoB-CE), que está em tramitação no Senado. O projeto de lei cita no inciso XI artigo 2º, a “promoção de arte-educação”.



uma instituição como um advogado teria em seu escritório” (ALENCAR, 2008, p.85). A partir da pesquisa realizada, Alencar afirma que críticas em relação à profissão se concentram nos aspectos burocráticos e institucionais da profissão, enquanto os aspectos práticos são valorizados.

Sobre essa realidade, Ana Mae Barbosa aponta que, na escala de valores hierárquicos a educação em museus é comumente deixada em última na escala de prioridades. A autora afirma que é necessário convencer as instituições a trabalhar com conceitos democráticos e atuais de educação, promovendo assim uma educação continuada e questionadora e não apenas setores educativos para atendimentos pontuais escolares com o objetivo de aumentar o número de visitantes (BARBOSA, 2005, p.104).

Embora a educação seja considerada um dos princípios fundamentais da função museal, os profissionais que atuam em exposições de arte na cidade de São Paulo enfrentam uma série de dificuldades na sua atuação, dentre elas a precarização profissional, dificuldade em atuar de maneira fixa, baixos salários e falta de reconhecimento profissional. Os setores de ação educativa não participam ativamente dos processos de decisões institucionais, sendo desvalorizados nas instituições que têm no seu trabalho os novos paradigmas museológicos tidos como primordiais. Sendo assim, a educação tem um papel central após a Mesa-Redonda de Santiago, no entanto, as ações e programas educativos acabam por desempenhar um papel secundário no estabelecimento das diretrizes institucionais e na gestão museológica.

#### **4. O ACESSO AOS MUSEUS**

Para que o museu ajude a contribuir na formação da consciência e no engajamento das comunidades como um instrumento provocador de mudanças, seu acesso deve ser o mais amplo e irrestrito possível. No entanto, apenas garantir a gratuidade e abrir suas portas não faz com que seu acesso seja universal.

Existe uma série de barreiras que impedem que alguns setores de público não compartilhem seus espaços, de ordem física, atitudinal, social, cultural, cognitiva entre outras. Cândido (2014, p.61) aponta a importância de museus realizarem pesquisas sistemáticas para identificar essas barreiras e desenvolver medidas para superação desse quadro.

Segundo o manual *Que Público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais* (2013, p.22 apud CÂNDIDO, 2014, p.61), a formação de públicos para museus depende da formação do educador de museus, pois muitas vezes o primeiro contato com a

instituição museal é realizado por meio das visitas educativas. As autoras apontam como barreira a falta de divulgação das ações realizadas e ressaltam os custos relacionados às visitas aos museus, não apenas o valor da entrada, que pode ser gratuita, mas de toda a logística que incide na visita como o transporte, a alimentação e outros fatores que envolvem a dificuldade de acesso à cidade, ao transporte.

A elitização dos museus e das instituições culturais que possuem exposições de arte, contribui para intensificar essas barreiras; as construções arquitetônicas imponentes sob a salvaguarda de seguranças uniformizados, distanciam os públicos não habituados a frequentar esses espaços; os cafés e restaurantes existentes são muitas vezes inacessíveis ao grande público, dificultando uma apropriação qualificada por parte de setores menos abastados da população.

No que tange ao acesso à cidade, Isaura Botelho (2004, p.1), doutora em pesquisas socioeconômicas na área de cultura, aponta que na cidade de São Paulo existe um grande desequilíbrio entre equipamentos culturais e o crescimento urbano, como aponta o mapa de museus na cidade de São Paulo<sup>10</sup>. Com os deslocamentos físicos cada dia mais difíceis por conta da expansão da malha urbana, a mobilidade territorial e o uso dos equipamentos culturais tornam-se cada vez mais um direito e um privilégio das classes com maior poder aquisitivo.

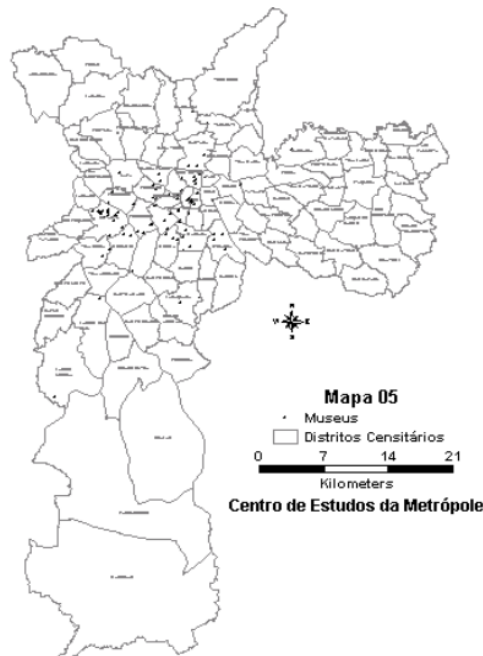


Figura 1 - Mapa de Museus na Cidade de São Paulo, 2004.

<sup>10</sup> Mapas retirados do artigo BOTELHO, Isaura. *Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública*. Espaço e Debates – Revista de Estudos regionais e urbanos. Nº 43/44. 2004.

Por conta da história da urbanização da cidade de São Paulo, não é de se surpreender que os equipamentos oficiais de cultura se concentrem nas regiões centrais da cidade. De um lado, por conta do seu próprio desenvolvimento, por outro, por terem sido construídos em função de demandas de setores já habituados ao consumo e ao acesso a equipamentos de cultura que são comumente os de maior escolaridade e renda.

A autora alerta que para uma análise mais qualificada sobre o acesso aos equipamentos de cultura, seria necessário sistematizar dados sobre a efetiva utilização desses equipamentos, bem como a maneira como a população utiliza seu tempo cotidiano, orçamento familiar e padrões de consumo. Sendo assim, a distribuição espacial dos museus na cidade de São Paulo é apenas uma das categorias de análise (BOTELHO, 2004, p.1).

As zonas mais acessíveis por meio de transporte público e pelas linhas de metrô são as que possuem a maior concentração de museus, no centro, na região oeste e com relativa distribuição nas regiões mais centrais nas zonas norte, leste e sul. Essas regiões também apresentam os maiores índices de escolaridade e de renda. Conforme os mapas seguintes:

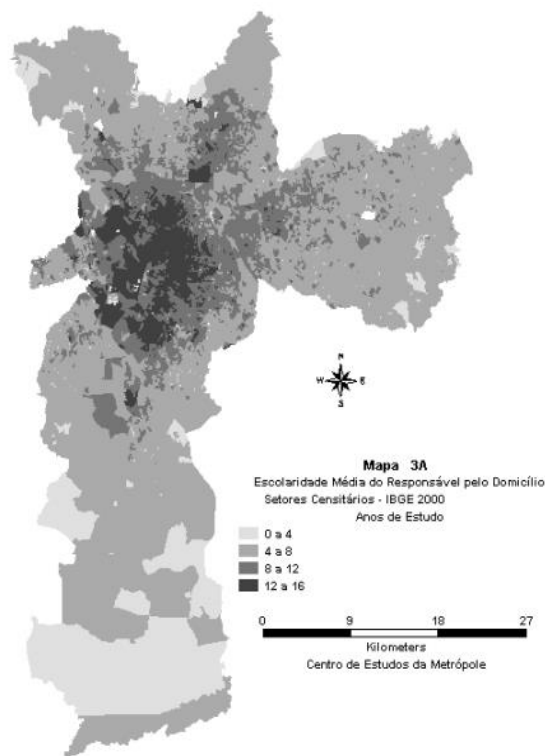


Figura 2 - Mapa escolaridade na Cidade de São Paulo, 2000.

A *Pesquisa Cultura nas Capitais*, projeto realizado pela JLeiva Comunicação em parceria com o Datafolha, no período de 14 de junho a 27 de julho de 2017 em doze capitais do Brasil, aponta que 26% da população da cidade de São Paulo nunca acessou o museu. Desses

26%, 8% pertencem à classe A, 16% pertencem à classe B, 33% à classe C e 54% as classes D e E. Percebemos que, quanto mais elevada a classe social, menor é a porcentagem dos públicos que nunca acessaram esses equipamentos. Essa dinâmica se repete no nível de escolaridade dos entrevistados: 6% dos entrevistados que nunca foram ao museu possuem ensino superior, 26% cursaram até o ensino médio, e 45% possuem apenas o ensino fundamental.

Essa prática reflete a distribuição espacial dos museus na cidade de São Paulo em relação à moradia das pessoas pertencentes às classes mais favorecidas e com maior nível de escolaridade. Saindo das regiões centrais em direção às regiões mais periféricas da cidade, os museus se tornam escassos, assim como vai diminuindo a renda e a escolaridade dos moradores dessas regiões. Demonstrando barreiras físicas, culturais e atitudinais que impedem o acesso aos museus.

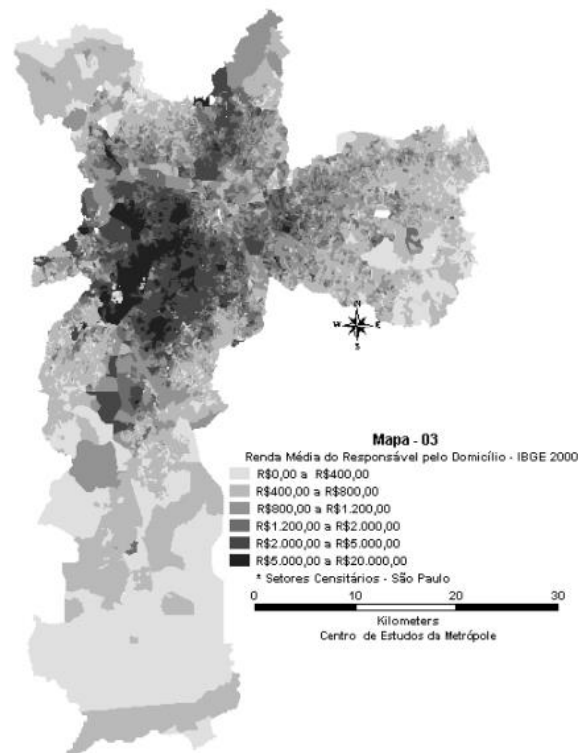


Figura 3 -. Mapa Renda Média da Cidade de São Paulo, 2000.

A faixa etária também é um fator relevante aos entrevistados que nunca frequentaram o museu. Desses, 41% representam os entrevistados com mais de 60 anos, 36% possuem entre 45 a 59 e 21% de 12 a 15 anos, que compreende o final do ensino fundamental para o início do ensino médio. Os piores índices observados são das classes D e E, que cursaram até o ensino

fundamental e possuem mais de 45 anos. Em contrapartida, os homens jovens que têm ensino superior e das classes A e B são os que mais acessam os museus.

Em relação às questões de gênero, a distância entre o desejo declarado de acessar o museu e a frequência é ainda maior entre as mulheres. 63% das mulheres declararam ter alto interesse em acessar o espaço museológico, enquanto o acesso das mulheres ao museu representa 31%. Já 54% dos homens assumem o interesse, enquanto 34% acessam o espaço, revelando uma grande desvantagem das mulheres no que se configura ao acesso do espaço público, e como aponta Isaura Botelho, na configuração do seu tempo cotidiano. Dados divulgados pelo IBGE<sup>11</sup> em 2016 apontam que as mulheres dedicam 18,1 horas semanais aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos, representando 73% a mais do que os homens. Como são responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados da família, as mulheres ocupam vagas de trabalho com a carga horária reduzida em comparação à carga horária dos homens. Ainda assim, conciliando o tempo de trabalho doméstico e o trabalho remunerado, a mulher brasileira trabalha em média 3 horas por semana a mais do que os homens.

Esses dados representam a disparidade entre o acesso de mulheres e homens com filhos de 0 a 12 anos aos museus. 43% das mulheres que frequentam museus não têm filhos. As mulheres com filhos nessa faixa etária configuram 26%, resultando uma diferença percentual de 17%. Já entre os homens que não possuem filhos nessa faixa etária, o acesso é de 40% e os que têm filhos simbolizam 31%, evidenciando uma diferença de 9%. Sendo assim, o acesso de mulheres com filhos pequenos é menor do que o de homens nessa mesma situação, evidenciando a maior demanda de trabalho no cuidado dos filhos imposta sobre as mulheres.

No que tange a cor da pele<sup>12</sup>, 21% dos que se autodeclararam brancos nunca acessaram o museu, os que se autodeclararam pretos representam 28%, os autodeclarados indígenas 26%, amarelos com 31% e os pardos representam 30% dos públicos que não acessam esse espaço, demonstrando uma clara diferença percentual entre o acesso dos brancos e dos não brancos, refletindo o racismo estrutural da sociedade.

A gratuidade das ofertas culturais é outro fator determinante ao acesso. Nesse caso, a pesquisa leva em consideração outras práticas culturais como leitura de livros, presença em cinemas, shows, feiras de artesanato, bibliotecas, espetáculos de dança, teatro, circo, saraus e concertos. Dos entrevistados, 28% afirmam apenas participar de atividades gratuitas, e 46% que a maior parte das atividades que frequentam são as gratuitas.

---

<sup>11</sup>Os números fazem parte das *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*, divulgado pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2016.

<sup>12</sup> Categoria de análise utilizada pelo IBGE.

O nível de escolaridade é uma condição relevante nesse contexto, já que 43% dos que afirmam participarem exclusivamente de atividades gratuitas estudaram até o ensino fundamental. Em contrapartida, 10% dos que adotam essa prática possuem ensino superior, a mesma lógica se repete na quantidade de atividades culturais acessadas nos últimos 12 meses. Enquanto 52% dos que representam um baixo acesso, de zero a duas atividades, concluíram o ensino fundamental, 10% possuem ensino superior. Dos que participam de 9 a 12 atividades culturais consideradas muito altas pela metodologia da pesquisa, 4% concluíram o ensino fundamental e 24% o ensino superior. Essa disparidade é ainda mais presente entre as classes sociais dentre os que afirmaram participar de 0 a 2 atividades. 62% representam as classes D e E e 7% a classe A, já os que participaram de 9 a 12 atividades, 23% são das classes D e E e apenas 3% são de classe A.

O conhecimento foi o principal motivo pelo acesso aos museus revelado por 46,97% dos entrevistados que frequentaram o museu no último ano. A falta de tempo foi a justificativa dos 38,26% dos que não acessaram o espaço, 23,11% afirmaram não frequentar por não gostar e 22,87% alegaram as razões econômicas como motivo pela falta de acesso. De 2014 para 2017 o acesso aos museus subiu apenas três pontos percentuais, de 29% para 31%.

Esse panorama evidencia uma profunda desigualdade de acesso aos museus e exposições de arte, refletindo as desigualdades estruturais da sociedade no que tange às questões de moradia, gênero, acesso à educação. Questões raciais e renda, embora o acesso aos museus tenha subido de maneira tímida, acreditamos ser necessário que essas instituições adotem estratégias que levem em consideração o perfil desses públicos nas suas ações, os setores educativos desses espaços possuem uma grande potência para atuar frente a esse desafio, no entanto, para que isso seja possível, é necessário que toda sua estrutura seja engajada nessa missão.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os museus, assim como outras instituições, se reformulam, reconfiguram e readéquam de acordo com o contexto histórico, político e cultural em que estão inseridos. Através de sua história no mundo ocidental, assumiram diversos papéis, tendo como origem o desejo de colecionar objetos, inicialmente circunscritas a um público muito restrito. A partir do século XVI, os membros de classes abastadas da Europa passaram a colecionar objetos considerados exóticos de diferentes regiões do mundo, conhecidos como gabinetes de curiosidades. Ainda

que de forma muito restrita, esses gabinetes passaram a ser visitados por pessoas interessadas em pesquisar ou mesmo observar essas coleções, o cuidado com a organização e a classificação foi tomando caráter científico. O museu, tal como conhecemos hoje, passou a se formular a partir do século XVIII, na França, com os ideais da Revolução Francesa. Nesse momento, o acesso ao público passou a ser permitido, no entanto não era uma grande preocupação. Ao passar dos séculos, o zelo pela comunicação foi aumentando, assim como o caráter educativo dessa instituição, no entanto, é a partir dos anos 1970, após a Mesa-Redonda de Santiago, que o caráter educativo dos museus foi considerado tão relevante quanto suas conhecidas atribuições de adquirir, preservar e pesquisar objetos tangíveis e intangíveis.

Nessa nova reconfiguração, os museus, instituições produtoras de conhecimento, da América Latina, marcadas pela desigualdade econômica, política e social passaram a conceber a educação em museus como potência para a conscientização da população, como uma forma de provocação para possíveis mudanças. Nesse quadro, Paulo Freire, com suas inovadoras teorias da educação, influenciou de forma significativa esse novo cenário como aponta Judite Primo (1999, p. 20).

Passados quarenta e sete anos da Mesa-Redonda, os educadores, gestores de educativos e pesquisadores de museus e exposições de arte da cidade de São Paulo apontam uma série de desafios no desenvolvimento de sua função, como apresenta a pesquisa de Alencar (2008, p.85): falta de reconhecimento profissional por parte dos outros trabalhadores da instituição e da sociedade em geral; baixos salários; precariedade na forma de contratação; dificuldade de encontrar trabalhos fixos no meio; falta de plano de carreira. Em contraposição, a necessidade de uma formação cada vez mais qualificada e continuada para encarar a complexidade da prática de mediação, afastando os profissionais da área e dificultando a realização de um trabalho a longo prazo com profissionais qualificados e com experiência na área.

Embora a educação e a conscientização sejam parâmetros para o papel social dos museus, como apontam as museólogas Maria Célia Santos e Cristina Bruno (apud Cândido, 2004, p. 21) e, portanto, seu acesso deveria ser o mais irrestrito possível. A pesquisa *Cultura nas capitais* revela que a frequência a esses espaços ainda reflete desigualdades estruturais encontradas na sociedade.

Para que possamos reverter esse quadro, acreditamos ser fundamental que a educação em museus passe a ser valorizada, bem como os profissionais de educação, e assumida por todos os setores da instituição, para que além de visitas educativas pontuais, as instituições desenvolvam ações culturais, que tenham impacto político, social e econômicos, com alcance

a curto e longo prazo e que leve em consideração o acesso qualificado para os públicos que, historicamente, não frequentam esses espaços.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. **Mesa-Redonda de Santiago do Chile:** 1972. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html>> Acesso em 10 dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Conceitos-chave de museologia.** Florianópolis: FCC: 2014.

\_\_\_\_\_. **Declaração de Carracas:** 1992. Disponível em: <<http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-caracas.pdf>> Acesso em 5 de Fevereiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Definição: Museu.** Portugal: 2015. Disponível em: <<http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>> Acesso em: 10 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas.** In: \_\_\_\_\_. (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais.* São Paulo: Cortez, 2005. p. 98-112.

\_\_\_\_\_. **Lei n° 378, de 13 de janeiro de 1937.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n° 91.144, de 15 de março de 1985.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91144-15-marco-1985-441406-norma-pe.html>> Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

AIDAR, Gabriel; CHIOVATTO, Milene. **Pensar educação inclusiva em museus a partir das experiências da Pinacoteca de São Paulo.** *Museologia & Interdisciplinaridade*, Vol. 1.II, n° 6. março/abril. Brasília: 2015.

AIDAR, Gabriela. **Museus e Inclusão Social.** in *Patrimônio e Educação Ciências e & Letras: Revista da Faculdade Porto alegre de educação, Ciências e Letras*, n° 31,jan/jun. Porto Alegre: 2002.

ALENCAR, Valéria. **O Mediador Cultural. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de Arte.** São Pulo:2008. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86980/alencar\\_vp\\_me\\_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86980/alencar_vp_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

ALVES, Vânia Maria Siqueira; REIS, Maria Amélia Gomes de Souza. **Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile: 1972.** Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/253/220>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação em um museu de arte.** *Revista USP*, (2), São Paulo: 1989.

BOTELHO, Isaura. **Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública**. Espaço e Debates – Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo: Annablume, n. 43-44, 2004.

BRASIL Presidência da República. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)> Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

CÂMARA. **Câmara aprova regulamentação da profissão de educador social**. 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/547754-CAMARA-APROVA-REGULAMENTACAO-DA-PROFISSAO-DE-EDUCADOR-SOCIAL.html>> Acesso em: 10 de janeiro de 2019.y

CÂNDIDO, Manuelina. **Orientações para gestão e planejamento de museus**. Coleção estudos museológicos volume 3. Florianópolis: 2014.

CARVALHO, Ana Alexandra. **Diversidade Cultural e Museus no Séc. XXI: O emergir de novos paradigmas**. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em História e Filosofia da Ciência Especialidade: Museologia 2015. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/297429611>> . Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1983.

GOMES, Carla. **O Pensamento de Waldisa Rússio sobre a Museologia**. João Pessoa:2015. Disponível em: < file:///C:/Users/barba/Downloads/23934-58085-1-PB%20(1).pdf> Acesso em: 10 de Janeiro de 2019.

IANNI, Octavio. **A questão nacional na América Latina**. Estud. av. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 5-40, março de 1988. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000100003>.

ICOM. **Adoptés lors de lá Onzième Assemblée Générale Copenhague, 14 juin 1974**. Disponível em <[http://www.minom-icom.net/\\_old/signud/DOC%20PDF/197400104.pdf](http://www.minom-icom.net/_old/signud/DOC%20PDF/197400104.pdf)> Acesso em: 10 de dezembro de 2018.

LEIVA, João. **Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: <http://www.culturanas capitais.com.br/como-33-milhoes-de-brasileiros-consosem-diversao-e-arte/>> Acesso em: 11 de dezembro 2018.

MARTINS, Mirian Celeste. **Arte: seu encantamento e seu trabalho na educação de educadores – a celebração de metamorfoses da cigarra e da formiga**. Tese (Doutorado) -- Faculdade de Educação/USP, São Paulo, 1999.

MIQUÉIAS, Wagner. **Trabalho e precarização nos museus brasileiros: uma análise introdutória**. Cadernos de Sociologia. 2016. Disponível em < file:///C:/Users/barba/Downloads/5503-1-17642-1-10-20160626.pdf > Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

MOREIRA, Antonia. **Educação em Museus de arte; entre performance e improviso – a formação do educador de museus de arte Contemporânea.** CHAUD, E (Orgs.) Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: 2014. Disponível em: <[https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2014-eixo3\\_educacao\\_em\\_museus\\_de\\_arte.pdf](https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2014-eixo3_educacao_em_museus_de_arte.pdf)> Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

PAIVA, Vitor. **Freire é terceiro teórico mais citado em artigos no mundo.** Hypnees: Jun. 2016. Disponível em < <https://www.hypnees.com.br/2016/06/paulo-freire-e-terceiro-teorico-mais-citado-em-trabalhos-academicos-no-mundo/>> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2019.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção.** Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda: 1984.

PRIMO, Judite Santos. **Pensar contemporaneamente a museologia.** Cadernos de Sociomuseologia, n. 16, p. 5-38: 1999.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia e educação e o museu.** Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4201326/mod\\_resource/content/1/Maria%20C%3%A9liaT.%20M.%20Santos%20-%20Museu%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o\\_conceitos%20e%20m%C3%A9todos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4201326/mod_resource/content/1/Maria%20C%3%A9liaT.%20M.%20Santos%20-%20Museu%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o_conceitos%20e%20m%C3%A9todos.pdf)> Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

SANTOS, Miriam Sepúlveda. **Museus Brasileiros e Política Cultural.** 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a04v1955>> Acesso em: 10 de Janeiro de 2019.

VARINE, Huges. **A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972):** 1995. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3832560/mod\\_resource/content/1/HUGUES%20D%20VARINE.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3832560/mod_resource/content/1/HUGUES%20D%20VARINE.pdf)> Acesso em: 11 de dezembro de 2018.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968: eles só queriam mudar o mundo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.